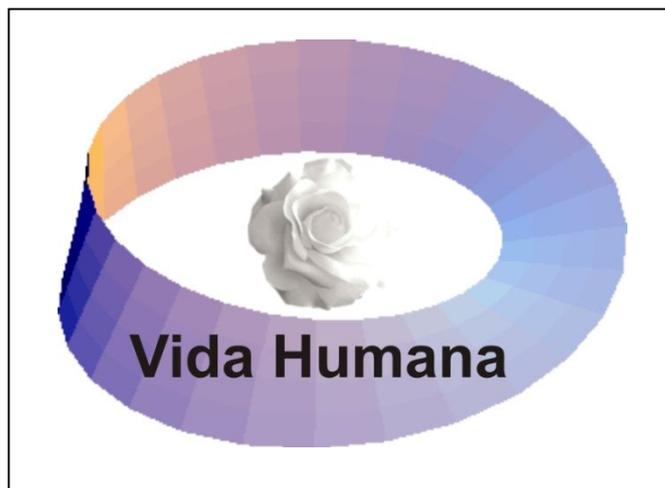


Capítulo 4

O RECONHECIMENTO DA COMPLEXIDADE É FONTE DE BUSCA DA HUMANA CONDIÇÃO?

A Relação de Docência e a Educação como fonte de busca.



Que quimera é, então, o homem?
Que novidade, que monstro, que caos, que objeto de contradição,
que prodígio! Juiz de todas as coisas, verme imbecil, depositário do
verdadeiro, cloaca da incerteza e do erro; glória e dejetos do universo.
Quem resolverá essa confusão?

Pascal

4. Reflexão – Interlúdios com o novo ser, dinâmica sem fim



FIGURA 18 – PARTE DO TODO

Fonte: Google - www.coesis.org/conteudo/imagens/Planeta_Terra-cinza.jpg.

Nem o ser, nem a existência, nem o sujeito podem ser expressos matematicamente por meio de fórmulas (MORIN, 2000a, p.88).

Desfaço-me, desfiz-me, construo-me, construí-me, e me reconstruí aos passos da descoberta, ao tempo da nova vivência que se anunciou no mergulhar à incerteza. Questionei-me, abandonando a estagnação. A reflexão tomou o lugar da certeza, e como disse o sociólogo e filósofo francês Roland Barthes (1915-1980), a diferença se insinuou e se consagrou no lugar dos conflitos. A compreensão sobre a existência, sobre o outro e o ecossistema se transformaram, e o que importa é entender que o motivo e princípio do processo de transformação anunciado, neste caso, locou-se, situou-se, no permitir-se, no emocionar-se frente à existência, na resignificação das compreensões e não necessariamente e/ou exatamente na vivência pela vivência. As resignificações que da existência emergiram e se constituíram, em forma de reflexão, de inferências parciais, permitiram-me a transformação, uma vez que as vivo no mundo das idéias e no mundo da experiência realizada a partir de vivências individuais e coletivas num movimento recursivo e reflexivo.

O presente capítulo apresenta a análise dos dados acerca dos fenômenos investigados e as idéias que emergiram no processo científico e investigativo, abrindo o caminho para as grandes dimensões da análise que são propostas no capítulo vindouro, o capítulo cinco (5). Busca-se, aqui,

desnudar, compreender e propor uma reflexão sobre o problema de pesquisa. Esta busca aborda e contempla as questões de pesquisa e as emergências que se constituíram no fazer investigativo.

Neste capítulo, busca-se também, a reflexão que vai ao encontro da necessidade emergente de uma sociedade, que alguns cientistas interpretam hoje como o limite entre a mutilação da humanidade e o resgate de valores e, principalmente, a busca essencial pela humana condição. Tal interpretação emerge na aurora do século XXI uma vez que se vive uma sociedade fragmentada e fragmentária, mutilada pelo mecanicismo ordenado das relações entre os seres e os sistemas. A perspectiva sobre a necessidade de religar os fragmentos da vida surge, emerge e se une ao desejo dos indivíduos de buscar a harmonização das relações humanas. As idéias acerca do reconhecimento de interdependência entre seres e sistemas tornam viva e substancial a discussão sobre a busca da humana condição, entreluzindo concepções sobre o mundo vivido sob a ótica do pensamento complexo.

O cerne do convite para essa reflexão é o caráter epistemológico deste trabalho. A minha caminhada acadêmica e as experiências que se interligam a essa vivência, permitem-me parafrasear Edgar Morin (2000b) quando este afirma que todo o conhecimento deve ser tornado público quaisquer que sejam as conseqüências morais.

Neste processo, sob essa ótica, me torno um pensador reflexivo na medida que falo sobre e sistematizo estes conhecimentos. Sob a perspectiva de Edgar Morin (2000b:51), *“enfrentar a dificuldade da compreensão humana exigiria o recurso não a ensinamentos separados, mas a uma pedagogia conjunta que agrupasse filósofo, psicólogo, sociólogo, historiador, escritor que seria conjugada a uma iniciação à lucidez”*. A ótica de Morin, compõe a idéia de que é necessário em nosso tempo a disposição para a religação dos saberes, o entendimento sobre a importância do todo e das partes, de não fazermos do axioma de negação da ciência clássica a lente para a leitura dos fenômenos nesta Terra, rompendo com a postura de ação negadora, principalmente sustentada no século anterior, o século XX.

Foi na segunda parte do século XX que a humanidade se viu ligada, em quase todos os lugares, por mil redes, ao mesmo tempo que se viu ameaçada no seu conjunto pela arma nuclear e pelo perigo ecológico. A planetarização significa doravante comunidade de destino para toda a humanidade (MORIN, 2005a, p.239).

Nesse sentido, mergulhei nessa proposição com o intuito de permitir o emergir das transformações em meu viver, uma vez que as mudanças e incertezas sobre o vivido passaram a me constituir. A entrega frente à proposição investigativa foi fundamental para a construção do rigor e da coerência entre o discurso e a prática em exercício. Sob este prisma, tornando assim, profícua a discussão de grande valia para a formação de professores.

Neste texto, poderá ser tecida uma reflexão conjunta acerca de quais são os objetivos e práticas coerentes para a Educação neste terceiro milênio.

4.1 Compreensão e a Ética da Compreensão

A explicação é uma forma descritiva de uma realidade, independentemente de negação e aceitação frente ao fenômeno em foco, limitada. A compreensão é o salto entre a negação e aceitação frente à realidade, pode tratar-se de uma ruptura paradigmática. Entretanto, só a experiência pode trazer ao sujeito o conhecimento sobre o fenômeno, o fenômeno em si, constituindo então sua existência, dando-lhe condição de refletir o vivido conforme a experiência, autoria de vida, fonte primária de ressignificação, um acoplamento estrutural de essência subjetiva e não algo já ressignificado pelo outro. Permito-me parafrasear a idéia do filósofo pré-socrático Heráclito de Éfeso (540 a.C. – 470 a.C) quando afirmou que mesmo a razão (logos) sendo comum a todos, a maior parte dos homens acredita possuir uma sabedoria particular, essencial e pura. Todo ser humano é constituído pelo individual, pelo coletivo, pela parte e pelo todo, ao mesmo tempo em que todo ser humano é um todo, é pertencente e/ou parte de um ecossistema. Um uno formado de infinitas existências, transcendidas pelo conhecimento que não acaba, que não encontra sua finitude. E, portanto, não haverá finitude acerca do saber a passo em que há a presença da compreensão do outro, pois a ressignificação, o acoplamento e a rede de idéias e pensamentos se fazem presentes. Compreendemo-nos a partir do momento em que compreendemos o outro pela experiência, pela vivência de

alteridade¹³, outridade. Essa noção sobre conceber na existência própria a existência do outro tornou-se a lógica fundamental da minha ética, da ética do meu todo, não totalitária, uma vez que pude viver sentindo, enquanto pesquisador e professor a multidimensionalidade e o *complexus* da Escola Amigos do Verde. A experiência, da qual falo, foi caracterizada por uma troca, uma relação marcada por rupturas, saltos qualitativos de uma lente epistemológica e transformações na minha fonte e origem de meus pensamentos, a transformação recursiva da minha razão.

A ética da compreensão humana constitui, sem dúvida, uma exigência chave de nossos tempos de incompreensão generalizada: vivemos em um mundo de incompreensão entre estranhos, mas também entre membros de uma sociedade, de uma mesma família, entre parceiros de um casal, entre filhos e pais (MORIN, 2000a, p.51).

A ética da compreensão humana é o significado e a referência de maior urgência de religação para uma época desligada, um período mutilado pela existência fragmentária e fragmentada do sujeito. O ato da compreensão pode favorecer a discussão e viabilidade acerca da multidimensionalidade, da diversidade cultural, racial, entre outras formas construídas e constituídas de diferenças, bem como pode contribuir para os saltos qualitativos frente às linearidades e separabilidades ordenadas do pensamento redutor clássico científico. Na Escola Amigos do Verde a ética da compreensão permeia os espaços, atividades e relações entre humanos. Professores, educandos, comunidade escolar e funcionários administrativos são acolhidos sob a ética da compreensão. O humano percebido como humano reconhecido em sua incompletude, para além do *mhyto*¹⁴ da perfeição da cultura ocidental. Vivencie a amorosidade arraigada às relações, do mais elementar movimento físico-corporal ao ensinamento mais profundo provindo de sabedoria e/ou conhecimento científico. É necessário refletir sobre compreender que a

¹³ Neste caso, refiro o conceito de *Alteridade* (ou *Outridade*), a partir dos pensamentos do filósofo lituano, naturalizado francês Emmanuel Levinás (1906-1995), ao princípio de que o ser humano inter-relaciona-se e é, reconhecidamente, interdependente dos outros indivíduos. A utilização do conceito de alteridade, neste trabalho, é melhor justificada e, de forma aprofundada, refletida no capítulo cinco (5) da presente dissertação.

¹⁴ A palavra de origem grega *mhyto*, significa mito na língua portuguesa. O mito é referenciado como uma forma explicativa para os fenômenos do mundo, de larga importância, desde a Grécia Antiga até os dias de hoje. Os primeiros pensadores a romper com o pensamento mitológico foram os pré-socráticos, principalmente representados na descoberta do *logos*, ou seja, da razão, por Anaximandro, Anaxímenes e Thales de Mileto, conforme o texto do item dois (2), apresentado no capítulo dois (2), deste trabalho.

sustentabilidade da negação e da barbárie está arraigada, também, na incompreensão entre os humanos, como se fossem todos estranhos. Esquecem os humanos que são sujeitos, indivíduos e ao mesmo tempo sociedade e humanidade. A compreensão do novo e do diferente pode favorecer as relações entre os seres humanos, como constituintes de uma mesma família, pais e filhos, irmãos, filhos da Terra, parte do ecossistema, como afirma Morin (2000b), filhos da Terra Pátria.

Finalmente, seria preciso demonstrar que a aprendizagem da compreensão e da lucidez, além de nunca ser concluída, deve ser continuamente recomeçada “regenerada” (MORIN, 2000a, p.53).

Ao falar em aprendizagem da compreensão, percorre-se a lógica de que é necessário pensar a compreensão, pensar o humano numa perspectiva de historicidade, contextualizando-o, pensar o nosso tempo. Pensar o nosso tempo, conforme Morin (2000b) é um dos maiores desafios do homem contemporâneo. Pois, significa pensar a complexidade num movimento recursivo, contínuo, sem início, sem fim.

A reforma de vida comporta uma reforma moral. Não se trata de estabelecer novos princípios morais nem de elaborar uma ética adaptada ao nosso tempo, mas de regenerar a ética, não para que se adapte ao nosso tempo, mas, dada a carência de ética do nosso tempo, para adaptá-lo à ética. (MORIN, 2005b,p.174)

Portanto, vale ressaltar que refletir a necessidade de compreensão entre seres humanos, pertencentes de um ecossistema é evidenciar que estamos afastados de nossa humana condição. E não se trata de adequar a ética da compreensão ao nosso tempo. Vivencia-se a ausência da ética. É necessário trazer e construir a ética da compreensão. Pois, o nosso tempo, a sociedade, a humanidade precisam viver a ética da compreensão, uma vez que se fala em religião, na aceitação da diferença e do outro, na aceitação própria do indivíduo, na construção de solidariedade e amorosidade coletiva, subjetiva e/ou intersubjetiva.

4.2 O século XX, tempo de desenvolvimento, tempo de barbárie

Este texto propõe uma breve reflexão sobre alguns fatores que marcaram a história do século XX. Século este, lembrado pelo desenvolvimento da Ciência e pelos avanços das tecnologias da informação. No entanto, deixou a marca indelével ao ser humano num cenário de lutas, guerras militares e civis, manifestações de barbárie, de negação do outro. A busca do poder pelo poder, da eficácia pela eficácia, da dominação sobre o todo e do domínio do homem sobre a natureza. O século do mecanicismo. O fenômeno do trabalho como forma de sobrevivência. A sobrevivência como o objeto maior de vida. A existência da felicidade e a feliz existência negadas.

A inexistência do acolhimento frente à diferença como fenômeno plausível de convivência, a presença do conflito como representação da não aceitação e de não compreensão do outro e do auto-conhecimento sobre a existência constituída. Sem acolhimentos e entendimentos os humanos trilharam um caminho, uma corrida pela eficácia e eficiência, em busca do domínio, de uma abordagem desumana e o exercício da violência acerca das relações de poder.

Nesse sentido, há de se evidenciar que as instituições escolares e os mecanismos de regulação ligados a estas se tornaram aparelhos de manutenção e sistematização da realidade supracitada. O tempo passou e instituíram-se práticas escolares voltadas para um ensino, no qual os resultados e objetivos planejados e contemplados formaram e, ainda formam os indivíduos numa perspectiva linear, disjunta da busca da condição humana, uma sociedade desligada de sua essência, sujeitos de vários sistemas, sistemas sem vida. Desde então, em muitas escolas, constróem-se, políticas educacionais e vivências de aprendizagem transformadas em processos de homogeneização e padronização de cabeças pensantes, porém não críticas, não reflexivas e, principalmente afastadas da essência humana, da condição que permite o reconhecimento da interdependência entre seres e sistemas. Formam-se indivíduos, muitas vezes, para trilharem caminhos de estagnação, de não autoria de vida, de negação de vida humana. Edgar Morin (2000a) afirma que a Educação deve contribuir para a autoformação da pessoa,

ensinando-a a viver e a assumir a condição humana e deve ainda ensiná-la como se tornar um cidadão, uma cidadã. Para Morin (2000a), um cidadão, uma cidadã se definem por sua solidariedade e responsabilidade frente à sua Pátria. Nessa perspectiva moriniana, vale ressaltar que o termo Pátria está relacionado ao Planeta Terra, uma vez que define os seres e os sistemas do ecossistema, como constituintes da Terra Pátria, o que venho a denominar neste trabalho como a Sociedade Mundo.

O mecanicismo e as dinâmicas não reflexivas do cotidiano da vida refletem a imagem de uma sociedade “humana” afastada, distanciada de vida em humanidade. As práticas escolares e as vivências diárias, em sua grande maioria, no paradigma científico vigente, voltam-se para a construção e a sustentação de um mundo material, exógeno, ficando em segunda ordem e/ou até mesmo ausente a busca da construção das relações humanas e a formação do sujeito humano, assim como o processo de auto-conhecimento e reflexão sobre a existência.

Esta reflexão pode ser favorecida, a partir do momento em que viajamos e mergulhamos no século anterior para melhor compreender, a partir de alguns dos propostos pensamentos do filósofo lituano Emmanuel Levinás (1906-1995), o afastamento e a busca da condição humana a partir do conceito de alteridade, do reconhecimento da importância do outro em suas diferenças. Levinás nasceu em Kaunas. É importante ressaltar que era descendente de judeus. Naturalizou-se francês e participou como soldado, representante da nação francesa, na Segunda Guerra Mundial. Sua formação filosófica e acadêmica foi permeada e influenciada pela Fenomenologia de Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938), bem como pelo pensamento do filósofo Martin Heidegger (1889-1976). Referenciam-se, em sua vida acadêmica, como importante influência literária e cultural as obras do russo Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881). Levinás ressaltara o conceito de Ética como fonte e princípio em toda a Filosofia, buscando refletir e apontar a necessidade do reconhecimento do Outro, devido a importância do humano.

Emmanuel Levinás observara, no contexto da Segunda Guerra Mundial, que o ser humano era uma ferramenta, descaracterizada em sua desumanidade, destinada a morrer em nome da negação do outro. Para Levinás, os questionamentos sobre o sentido da existência direcionaram-se

acerca do existente no que se refere ao sujeito estabelecer conjuntamente ao outro uma relação de compromisso ético. Nesse sentido, a busca da humana condição está interligada e diretamente tecida na existência do outro. Parte-se, neste momento, para a concepção de rede, na qual todo ser social interdepende e inevitavelmente constitui o outro em sua existência.



FIGURA 19 - HOLOCAUSTO

Fonte: Google - www.internext.com.br.



FIGURA 20 - HOLOCAUSTO 2

Fonte: Google - www.encyclopaedia.pl.



FIGURA 21 - A FOME

Fonte: Google - www.refletir.com

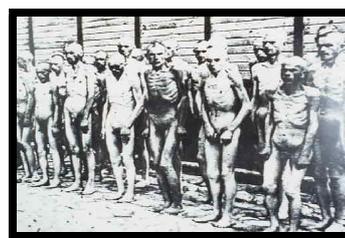


FIGURA 22 - HOLOCAUSTO 3

Fonte: Google - www.encyclopaedia.pl.

Levinás constituiu oposição a idéia de negação sustentada na Idade Média e no Pensamento Moderno, como lógicas unificadoras e totalizadoras que se negam não como formas de antagonismos dialógicos, mas como exclusões, sustentando, assim as fronteiras que impossibilitam e/ou inviabilizam o reconhecimento da interdependência com o outro. Dessa forma, torna-se possível trazer para a reflexão o arcabouço do discurso acerca da ética proposta na obra “Método 6: Ética” de Edgar Morin (2005b), que na segunda metade do século XX e na urgência do século XXI, propõe a reforma do pensamento, inclusive a direção da filosofia, em função da limitude simplista do pensamento clássico baseado na razão única, na ordem e na separabilidade. Conforme Levinás (1997), o reconhecimento do outro é a principal reforma e/ou busca a ser feita para o assumir-se humano, para conhecer-se enquanto sujeito. O “outro” passa a constituir o âmago da existência do “eu sujeito”.

Para Levinás tudo começa pelo direito do outro e por sua obrigatoriedade infinita a este respeito. Para ele, o humano deve estar acima das forças humanas.

Diante da multiplicidade humana, tais operações se impõem e a responsabilidade por outrem – que é caridade e amor – extravai-se e, conseqüentemente, busca uma verdade. Eu me permiti escrever que a própria busca de objetividade surge no conflito ético, cuja justiça fundada sobre o julgamento abrandava a acuidade (LEVINÁS, 1997, p.272).

É importante para todos nós, seres humanos, renovarmos, religarmos, oxigenarmos as responsabilidades por outrem que remanesce dentro de nós mesmos, que é/são nós mesmos.

Não é coerente falar sobre bem-estar, vida em sociedade, acerca da humanidade, se não se vive, não se realiza responsabilidade por outrem. Os fracassos do ocidentalismo exacerbado, o individualismo como forma, estilo e/ou filosofia de vida, são os mais concretos indicadores de necessidade de uma ruptura, de urgente reforma do pensamento e do estar neste mundo. A sociedade é a principal fonte e o mais exato indicador para as mudanças e/ou transformações da sociedade própria. Sob este prisma, é possível parafrasear Humberto Maturana (1997), ainda que este se encontre num outro registro epistemológico frente ao do pensamento complexo moriniano, quando diz que o futuro e a garantia da humanidade não está exatamente nas crianças, mas nos adultos com quem elas convivem. Trata-se de consciência, refere-se à ação, exemplos de humanidade, movimentos de amorosidade, atos de solidariedade, busca de humanização e socialização do ser de cidadania. Isso requer ruptura, outra lente epistemológica, diferentemente da vigente percepção de mundo.

Ruptura significa rompimento, suspensão, corte. Trata-se de uma cisão, uma transformação na forma de compreender as coisas e aceitar os fundamentos de uma construção teórica por parte da maioria de uma comunidade científica. A ruptura de um paradigma decorre da existência de um conjunto de problemas, cujas soluções já não se encontram no horizonte de determinado campo teórico, dando origem a anomalias ameaçadoras da construção científica (MORAES, 1997, p.55).

O nosso tempo, anunciado pela incerteza, fundado na impermanência, sucumbe sob as perspectivas e/ou lentes epistemológicas vigentes, num

desequilíbrio, no qual não há tecitura, não há rede, há separabilidade e disjunção. Os referenciais teóricos, ainda exaltados na academia, não alcançam os níveis de realidade, da realidade multidimensional; pressupõem incapacidade, abrem espaços para o maniqueísmo do pensamento binário, de negação, de linearidade, entreluzem limitudes frente aos problemas da vida humana e a sua relação com os demais seres e sistemas. As lógicas de linearidade, de negação e de separabilidade foram e são os motores propulsores para a decadência do pensamento cartesiano e do paradigma newtoniano. Pode então, se tratar de dialógica, se falar em dialogicidade, pensamento que não unifica a razão, que não nega os antagonismos, pensar este, que reflete a relação entre o contraditório. A dialógica acolhe o diferente, fonte de desenvolvimento, pois agrega e acopla valores.

4.3 O afastamento da Humana Condição e a libertação do sujeito para além da razão, rupturas frente à linearidade

Ao mergulhar nas proposições de caráter paradigmático e filosófico da Escola Amigos do Verde pude transcender o papel de pesquisador teorizador que teme não encontrar na realidade uma ponta de seus pressupostos e crenças. Fui um teórico confiante frente ao que estudei, porém, por muitas vezes enrijecido pelas sustentações lineares de uma sociedade, na qual me constituo, reconhecidamente, como ser autor da realidade. Sustentações as quais ainda dou voz. Convivo e desenvolvo-me com a contradição desta consciência linear. Entretanto, a partir dos estudos e pesquisas acerca da Teoria da Complexidade, bem como as vivências e as experiências no ambiente escolar da Amigos do Verde, formulou-se um processo de ruptura e de ressignificação frente às supracitadas linearidades, no momento em que as contradições e antagonismos emergentes, passaram a se insinuar, sem se negar, num movimento dialógico. Com maior resiliência passei a viver a contradição, a incerteza e a lutar para não linearizá-las. Passei a perceber e a compreender alguns dos fenômenos escolares por outra lente. A lente ecossistêmica, a partir do filtro do pensamento complexo. Procuro, especialmente, desde então, não tratar o processo da vida como se este fosse

um cálculo passível de resolução, como muitas das formulações propostas e encerradas pela exatidão limitada da clássica ciência. A partir das minhas vivências e/ou experiências na Escola Amigos do Verde com os outros que lá me acolheram, transformei-me enquanto sujeito, como ser humano. O que torna este processo de transformação mais significativo e emocionante é o que sinto sobre me transformar, me percebendo mais humano em condição, pertencente de um ecossistema, não disjunto de tudo a minha volta, de tudo dentro de mim, assumindo-me cidadão.

Quando se fala de consciência, fala-se de saber: ter consciência é saber; e, para fazer a justiça, é preciso saber: objetivar, comparar, julgar, formar conceitos (LEVINÁS, 1997, p.271).

Com o intuito de justificar conceitualmente o que se pretende compreender por condição humana, faz-se aqui, uma reflexão sobre a origem e a etimologia da palavra humano. Nesse propósito, vale ressaltar, que para os filósofos socráticos, na Grécia Antiga, o principal fio condutor da razão era o argumento. O argumento mediado pela palavra. As palavras, nessa perspectiva, tornar-se-iam, numa tecitura retórica, as principais ferramentas para a proposição e a sustentação do conhecimento. Falo do conhecimento não mais sustentado pelo *mhyto* (mito) ou pela *doxa* (opinião). O significado na língua portuguesa da palavra de origem grega *ethymon* é verdadeiro. Isto posto, busca-se assim, o sentido verdadeiro da palavra, a origem, para que se possa compreender a essência, a etimologia sobre o que é realmente, o que é afinal “ser humano”. Sob essa ótica, aponta-se também, a importância da etimologia da palavra para se explicar as razões (logos) da vivência humana no que se refere à sua essência e/ou condição.

A palavra humano parte da idéia de húmus, que vem do barro, ligado a terra, com as raízes na planetariedade. Essa idéia, que parte da etimologia da palavra, pode traduzir o que interliga o homem ao planeta, sua interdependência aos sistemas do todo, como parte de uma constituição complexa planetária. A origem da palavra humano remete-me a idéia sobre uma sociedade afastada de sua essência, distante de sua fonte da vida. Leva-me a pensar sobre uma sociedade que não consegue perceber e/ou não reconhece a importância de repensar as dinâmicas mecanicistas diárias de entrega a corrida pela sobrevivência, tornado-se produto e produtores dessa

realidade, numa perspectiva recursiva e dialógica, porém desumana. Tratar-se-ia de ruptura. Trata-se de ruptura. O humano experiencia hoje, o mundo vivido como máquina, constrói-se o humano máquina, sistematiza o mundo como máquina. O homem enrijecido numa busca sem limites, sem um significado de vida maior. Inspirar-se e emocionar-se frente à vida humana requer e pressupõe uma vida de amorosidade e solidariedade. Um significado maior. Educar uma sociedade em busca do equilíbrio pautado pela amorosidade, solidariedade e pela condição humana, enquanto essência de cada sujeito, pressupõe objetivar mais do que a razão científica, projetar e prospectar a vida, compreendendo-a para além da disciplinaridade escolar. Cabe ressaltar que a presente perspectiva referente à transcendência da objetivação da construção do conhecimento e da sabedoria frente à disciplinaridade escolar se encontra fundamentada no capítulo cinco (5).

Pode-se a partir dessa reflexão questionar o que consolida hoje a condição humana? Quais são as ações e/ou as relações que ao serem estabelecidas e/ou construídas formam e educam humanos/seres amorosos e solidários? O que permite e/ou favorece o assumir da condição humana?

É importante ressaltar o que tem tomado tempo das minhas reflexões, a partir da pesquisa realizada, no que se refere à temática da busca da condição humana. Ao perceber, compreender e vivenciar algumas dinâmicas do cotidiano escolar da Amigos do Verde alcancei, num movimento de uma espiral recursiva, um nível de reflexão que me permitiu reconhecer o quão e o como, os seres humanos, numa busca incessante de poder e sobrevivência, se encontram afastados da felicidade e do bem-estar, disjuntos do outro, desligados do uno entre ser e sistema, ausentes e omissos de sua história. Professores, professoras, educandos, educandas, familiares e demais responsáveis mostraram e tornam viva a possibilidade de transformação por um ato sublime, uma escolha.

Crises de valores, a insustentabilidade de uma ética, ausência de princípios morais, a supervalorização da materialização do exógeno/material, como forma justificada de sucesso e êxito no processo da vida. Inúmeros são os fatores nas dimensões sociais, culturais, psicológicas e biológicas que levam a essa urgente reflexão na contemporaneidade.

Somos, sem dúvida, vítimas de nosso modo de conceber que separa e opõe o real e o irreal e banaliza cada um desses termos (MORIN, 2005a, p.285).

As práticas escolares da Amigos do Verde, especificamente, o ato docente das professoras Nicole e Taís, conjuntamente com os grupos pelas quais são responsáveis, explicitaram e instigaram no meu fazer investigativo a compreensão de que é possível construir e resgatar os valores humanos, vinculados a ética e a toda filosofia. Elucidaram vivências de amorosidade e de solidariedade como fonte de alteridade. Unicidade entre o eu e o outro. O outro ser humano que me constitui, bem como o outro que é o sistema, a natureza, o ecossistema, do qual sou parte, do qual todos somos parte e, que ao mesmo tempo constitui minha existência, a existência de um todo. Assim, uma rede começa a ser tecida e/ou é iniciado o reconhecimento da tecitura já existente. Um caminho sem volta, onde tudo se interliga e se repara, religando tudo que está fragmentado pela negação do outro, negação do ser próprio, acolhendo-o, agrupando-o, tornando-o parte, humanidade da humanidade.

Quando falo de unicidade, digo também a alteridade de outrem: o único é o outro de modo eminente: ele não pertence a um gênero ou não permanece em seu gênero (LEVINÁS, 1997, p.273).

Ainda que neste trabalho não seja utilizada como referência metodológica e filosófica a Fenomenologia proposta por Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), vale e permito-me parafraseá-lo no que se refere à necessidade de reflexão acerca da razão, quando ele afirma que a ampliação da mesma razão é condição de busca para torná-la capaz de compreender o que em cada um de nós e nos outros precede e excede a razão própria.

Poderemos assumir o destino dialógico de *sapiens-demens*, ou seja, manter a razão sem ficar encerrados nela, conservar a loucura sem nela cair? Poderemos suportar a situação neurótica do ser humano no mundo, consciente, ao mesmo tempo, de ser tudo para si mesmo e nada no universo? Poderemos assumir a angústia do inacabamento de nossas vidas e da incerteza do destino humano? (...) Saberemos que somente o amor e a poesia vividos são respostas capazes de levar a enfrentar a angústia e a mortalidade? Poderemos inibir a megalomania humana e regenerar o humanismo? Podemos fortalecer o mais precioso, o mais frágil, essas últimas emergências que são o amor e amizade? Poderemos praticar a reforma interior que nos tornaria melhores? Poderemos, um dia, "habitar poeticamente a Terra"? A humanidade está em formação. Há possibilidade e rechaçar a barbárie e realmente civilizar os humanos? Será possível transformar a hominização em humanização? Será possível salvar a humanidade, realizando-a? (MORIN, 2005a, p.295).

A Educação deve e pode contribuir para o processo de humanização, sobrepondo-se a uma idéia de hominização homogeneizada. Pode e deve ainda, contribuir para a formação e auto-formação do *homo complexus*¹⁵. Os diferentes níveis de ensino, especialmente, a Educação Infantil e o Ensino Fundamental formulam e constituem uma etapa inicial de socialização e humanização, contida na esfera educacional, quando assim objetivada, para além da instituição família. Esta etapa escolar pode ser compreendida como condição *sine qua non* para o sujeito estabelecer consigo, com o outro, com a sociedade e com o ecossistema relações de humanização e de socialização mediadas por seres humanos, professores, alunos e demais constituintes da Instituição Escola, que carregam em seu fazer docente e discente, arcabouços de uma vida, sabedoria que pode sobrepujar a disciplinaridade escolar, ciências fechadas, conhecimentos sem significados, desligados de toda a complexidade, cegos de alteridade, sem emoção frente ao viver.

Nesta fase, conjuntamente com o ser professor e a escola, enquanto instituição, os sujeitos, sejam estes ensinantes e/ou aprendentes, crianças e/ou adolescentes, meninos e/ou meninas constróem as bases e os princípios de sua condição existencial humana. Essa construção inicial não necessita estar desligada de vivências de amorosidade e solidariedade. Humberto Maturana (1997), afirma que nós, seres humanos, somos animais que dependem de amor.

A vida humana necessita da verificação empírica, da correção lógica, do exercício racional da argumentação. Mas precisa ser nutrida de sensibilidade e de imaginário (MORIN, 2005a, p.122).

Construções científicas, em todo nível de experiência, em qualquer espaço, desenvolvimentos investigativos, reflexões acerca de conhecimentos e de saberes sob as perspectivas da ciência não necessitam ser manifestações de linearidade e de mutilação da criatividade humana. Não necessitam anular

¹⁵ Se o *homo* é, ao mesmo tempo, *sapiens* e *demens*, afetivo, lúdico, imaginário, poético, prosaico, se é um animal histérico, possuído por seus sonhos e, contudo, capaz de objetividade, de cálculo, de racionalidade, é por ser *homo complexus*. Assim, se há realmente *homo sapiens*, *economicus*, *prosaicus*, há também, e é o mesmo, o homem do delírio, do jogo, da despesa, da estética, do imaginário, da poesia. A bipolaridade *sapiens-demens* exprime ao extremo a bipolaridade existencial das duas vidas que tecem as nossas vidas, uma série utilitária, prosaica, a outra lúdica, estética, poética. A brecha entre o real e o espírito humano é, incessantemente, atravessada seja por redes de racionalidade que estabelecem a comunicação, seja invadida pelas potências afetivas ou fantasmáticas que penetram o real e confundem-se com ele (MORIN, 2005a, p.140).

e/ou negar a amorosidade, a afetividade, a caridade e a solidariedade que podem compor o arcabouço da humana condição.

Pois,

se define *homo* unicamente como *sapiens*, oculta-se dele a afetividade, disjuntando-a da razão inteligente. Quando retroagimos para aquém da humanidade, surpreendemo-nos pelo fato de que o desenvolvimento da inteligência entre os mamíferos (capacidade estratégica de conhecimento e ação) encontra-se estreitamente correlacionado com o desenvolvimento da afetividade (MORIN, 2001a, p.52)

O afastamento da humana condição é o reflexo da busca do ser humano e da vida que se manifesta a partir das escolhas “humanas”. O ser humano se propõe a negação da natureza, a negação de sua natureza e a negação daquilo que o constitui. Para refletir, de forma crítica, a objetivação pretendida, para os fins educativos da escola do século XXI, pode-se encontrar na Grécia Antiga, saberes que contribuem para a determinada indagação. Pode-se dizer que

a sabedoria grega é ligada à filosofia, porque a palavra filosofia quer dizer “amigo da sabedoria”. Quando se toma como fundamento o socratismo, o epicurismo, o estoicismo, o que se constata é um conjunto de regras para uma vida que se pode chamar sábia. A questão consiste em saber se, por ser sábio, deve-se entender desligar-se dos prazeres ou, ao contrário, saber usufruir deles. Em todos os casos, mesmo se os modelos de sabedoria difiram, eles inevitavelmente contêm uma regra de vida, uma vontade de lucidez e incitação àquilo que se pensa ser o bem (MORIN, 2001a, p.47).

Nesse sentido, sob a ótica apresentada, vale refletir sobre os objetivos, planejamentos e, em que consiste educar, formar e viver a escola de hoje. Conforme Morin (2001a:49), *“encontramo-nos numa época de transição e de tomada de consciência de uma falta. Daí decorre uma necessidade de Oriente, que resulta do vazio de nossas vidas de Ocidente”*. Essas inferências emergem e são estabelecidas quando lançadas pela descoberta e pelo reconhecimento de que o individualismo, característico do homem ocidental, situa-se distante das fronteiras da paz interior dos indivíduos. Cabe ainda explicitar que o individualismo possui duas grandes dimensões e/ou faces segundo Edgar Morin (2001a). A primeira dimensão/face pressupõe-se clara e iluminada, caracterizada pelas liberdades, responsabilidades e autonomias. A segunda, pelo caráter sombrio, na qual a respectiva sombra se amplia entre os humanos mediante a atomização, a angústia e a solidão. Há necessidade de repensar, de reformar, de ressignificar as dinâmicas que constituem a vida humana,

neste planeta, uma vez que descaracterizamo-nos em nossa essência, afastamo-nos do bem-estar da humanidade, da garantia de passado, presente e futuro existencial da mesma. Para pensar o religar dos saberes, para tecer o *complexus* que formula o uno do ser humano, é preciso reconhecer o desequilíbrio das relações entre as nossas almas, os espíritos, as mentes e os corpos. Na humana condição, em sua integralidade, não há separabilidade entre as relações supracitadas. Assim, para se pensar a complexidade, é fundamental reconhecer e repensar a linearidade simplista do paradigma científico, da esfera educacional, do viver. No fim do século XX, Edgar Morin, chegara a ter escrito, de forma crítica, visando uma reforma do pensamento, sobre a natureza humana, citando-a como o paradigma perdido. Apontou então, o quão e como a humanidade, também contida em sua desumanidade, se afastou de sua natureza.

Vivemos sob o império dos princípios de *disjunção*, de *redução* e de *abstração*, cujo conjunto constitui o que eu chamo o paradigma da simplificação. Descartes formulou este Paradigma mestre do Ocidente, ao separar o sujeito pensante (*eco cogitans*) e a coisa extensa (*res extensa*), quer dizer, filosofia e ciência, e ao colocar como princípio de verdade as idéias claras e distintas, ou seja, o próprio pensamento disjuntivo. Este paradigma, que controla a aventura do pensamento ocidental desde o século XVII, permitiu sem dúvida os grandes progressos do conhecimento científico e da reflexão filosófica; as suas conseqüências nocivas últimas só começam a revelar-se no século XX (MORIN, 2001b, p.16).

As instituições escolares, com um significado específico e definido a partir do pensamento estruturalista, já foram denominadas como constituintes de um Aparelho de Estado, ou identificadas como ele próprio, como ferramentas de manutenção e/ou reprodução da realidade instituída. A escola pode ser, pode se tornar o espaço e tempo da multidimensionalidade, o templo da diversidade e da riqueza humana. Pode ainda, ser compreendida como guardiã do tesouro descoberto, pois assim, é e será o reconhecido lugar que sustenta e mantém a criatividade e a diferença dos humanos, humanos como humanos, humanos do ecossistema, humanos em sua codinção, cidadãos e cidadãs de exercício. Irá tratar-se de rupturas, de salto, e não de processos gradativos que mascaram um estado de estagnação e conformidade.

O pensamento começa, precisamente, quando a consciência se torna consciência de sua particularidade, ou seja, quando concebe a exterioridade para além de sua natureza de vivente, que o contém; quando ela se torna metafísica. O pensamento estabelece uma relação com uma exterioridade não assumida. Como pensante, o

homem é aquele para quem o mundo exterior existe. Em consequência, sua vida dita biológica, sua vida estritamente interior, se ilumina de pensamento. O objeto da necessidade, doravante objeto exterior, ultrapassa a utilidade (LEVINÁS, 1997, p. 36).

Acredito, ser necessário, na aurora do terceiro milênio, construir este espaço e tempo escolar, acadêmico, possível de toda filosofia e ética, aberto para o compromisso com o humano, como um Aparelho de Vida, Aparelho de busca da Humana Condição, de bem-estar, de amorosidade, de alteridade e, então de ensino e aprendizagem, de ciência com consciência.

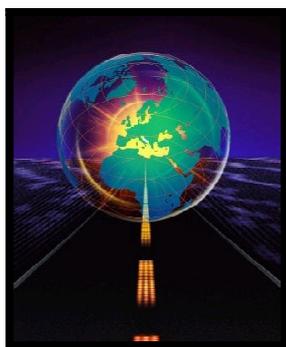


FIGURA 23 - O CAMINHO DA HUMANIDADE
Fonte: Google - www.lomba.blogs.sapo.pt/arquivo/futuro.jpg.

4.4 Caminhos para a Sociedade Mundo?

A construção da Sociedade Mundo, a perspectiva planetária, perpassam pelo reconhecimento da importância do outro. Experimentação da alteridade¹⁶. Trata-se de assumir essa condição. Trata-se da troca na relação, falo da relação com o outro e com os sistemas, percebendo-se e compreendendo-se como parte de um todo, como o todo das partes. Penso que para alcançar esta compreensão se torna necessário compreender a desumanidade contida na humanidade. Os antagonismos da existência, sem negá-los.

O presente texto apresenta a rede de significados e as construções do arcabouço constituído na experiência que vivenciei na Escola Amigos do

¹⁶ *O Outro metafísico é outro de uma alteridade que não é formal, de uma alteridade que não é um simples inverso da identidade, nem de uma alteridade feita de resistência ao Mesmo, mas de uma alteridade anterior a toda a iniciativa, a todo o imperialismo do Mesmo; outro de uma alteridade que não limita o Mesmo, porque nesse caso o Outro não seria rigorosamente Outro: pela comunidade da fronteira, seria, dentro do sistema, ainda o Mesmo. O absolutamente Outro é Outrem; não faz número comigo. A coletividade em que eu digo 'tu' ou 'nós' não é um plural de 'eu'. Eu, tu, não são indivíduos de um conceito comum.*" (extraído de LEVINÁS, E. Totalidade e infinito. Trad. José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988, p.26.)

Verde. A rede de significados se constituiu por participações em reuniões escolares, de caráter pedagógico e institucional, com os pais e os profissionais da Escola Amigos do Verde e, especialmente, por atividades em parceria com as professoras inscritas na delimitação da pesquisa, atividades/passeio (acantonamento 2007), olimpíadas da primavera, jornadas de auto (eco) conhecimento, seminários de formação, observações participantes e diálogos gravados (entrevista Complexa Aberta com o foco no problema) conforme o constructo metodológico explicitado no capítulo anterior.

4.4.1 Contextualização para a vindoura ressignificação

Este é o momento de invocar a genialidade que cada ser carrega dentro de si. A atitude inteligente nos leva a perceber o que é melhor para todos numa determinada situação e qual o significado da aprendizagem que estamos fazendo. Atuar com inteligência é ser capaz de responder com atenção amorosa e plena ao que a vida nos propõe, transformando desafios e obstáculos em sinais vivos de que alguma coisa está fora da sintonia maior de nossas vidas. Saber ler os sinais no livro da Vida e da Natureza é o exercício mais eficaz para despertar o brilho da inteligência da Alma dentro de nós¹⁷.



FIGURA 24 - PERCEPÇÃO E COMPREENSÃO
Fonte: foto tirada no passeio da escola ao Parcão.

Em 1984, nasceu a “Pré-escola” Amiguinhos do Verde, com uma proposta totalmente inovadora, baseada em teóricos, como Piaget, Freinet, Emília Ferreiro, entre outros pensadores que naquele espaço de tempo constituíam o arcabouço teórico dos estudos da área da educação. O principal

¹⁷ Citação retirada do site da Escola Amigos do Verde: [http:// www.amigosdoverde.com.br](http://www.amigosdoverde.com.br).

objetivo da escola era desenvolver uma aprendizagem equilibrada entre as áreas cognitiva e afetiva. A proposição, na época, era o enfoque ecológico (visão ecocêntrica), quando as reflexões sobre a ecologia não eram moda e/ou ainda uma questão ligada à temática fundamental acerca sobrevivência como nos dias atuais, aliada à alimentação naturalista (caráter educativo). A Amiguinhos do Verde se desenvolveu e, em 1989, passou a ofertar também o Ensino Fundamental até a quarta série, mudando o nome para "Escola de 1º Grau e Pré-Escola Amigos do Verde". Entre 2001 e 2005 foi somente enfatizada a Educação Infantil. Prospectou-se que a partir de 2007 seriam retomados gradativamente os primeiros anos e/ou séries do Ensino Fundamental.

A escola se fortaleceu sob a perspectiva de um paradigma holístico, hoje já ressignificado pelo pensamento complexo, sustentado na visão multidimensional do indivíduo, compreendendo-o no nível físico, emocional, mental e espiritual, considerando, resgatando e construindo valores éticos para além do conceito de ser moral. As atividades curriculares são desenvolvidas e integradas às atividades de auto(eco)conhecimento (expansão da consciência), conceito formulado e construído pela escola, bem como massagens, relaxamentos, danças circulares, artes recicladas, culinária naturalista, atividades com a natureza em geral.

A escola tem como missão favorecer a aprendizagem integral do indivíduo, numa visão ecológica de sustentabilidade. A instituição acredita na interdependência das ações, favorecendo então o surgimento e a sustentação de relações de parceria. Sob esse prisma, o acolhimento e a aceitação da diversidade são metas a que a instituição se propõe alcançar, respeitando as particularidades e a riqueza inerentes a cada sujeito, sejam eles educandos (crianças), familiares, funcionários administrativos e/ou professores.

Através de práticas de caráter ecológico à luz das redes conceituais de auto(eco)conhecimento, conceito criado e fundamentado nas práticas da Escola Amigos do Verde, das propostas agroecológicas e artísticas, a instituição busca, em suas construções com os alunos, a expansão da consciência, contribuindo para o desenvolvimento de um ser mais criativo, reflexivo, autônomo e solidário.

Pode-se dizer sobre a referida culinária naturalista, que a escola oferece lanches incluídos na mensalidade para todos os educandos e incentiva hábitos saudáveis, especialmente mediante as atividades e/ou aulas de culinárias inseridas nos projetos de estudos pedagógicos. As atividades de culinárias são realizadas quinzenalmente, com a participação direta das crianças, em todas as etapas de preparação das receitas escolhidas. As receitas escolhidas pelo grupo são baseadas em alimentos integrais, como açúcar mascavo, arroz, massa e farinha integral e também, frutas, verduras, legumes, carne de frango e peixe. Os lanches são oferecidos pela manhã às 9h30min, no período pós-almoço, entre 13h e 14h, no turno tarde às 15h30min e vespertino-opcional às 17h30min. A proposição e a oferta dos lanches incentiva a construção de uma cultura de alimentação e uma educação alimentar a partir do consumo de frutas variadas e cereais integrais. Conforme a orientação da nutricionista da escola, são oferecidas aos educandos e aos professores frutas da estação, bem como sucos naturais, leite ou iogurte e um complemento de carboidrato complexo, como pão integral com requeijão e saladas, pizza integral, pão de queijo, bolo de cacau, entre outros. Posteriormente, ao processo de alimentação, as crianças, sob a orientação dos professores, destinam as cascas das frutas à composteira ou aos animais, dentre estes, galos, galinhas, coelhos e porquinhos-da-índia. Dessa forma, formula-se um movimento recursivo, de reconhecimento da relação entre as partes e todo de um ecossistema. A horta mantida e cultivada na escola possui um caráter educativo, na qual os educandos, acompanhados pelo professor de Agroecologia e as professoras dos respectivos grupos, realizam e exercitam o plantio e o cuidado diário de legumes e diversas verduras.



FIGURA 25 - HORTA
Fonte: www.amigosdoverde.com.br.



FIGURA 26 - HORTA 2
Fonte: www.amigosdoverde.com.br.



FIGURA 27 - PITANGA
Fonte: www.amigosdoverde.com.br.



FIGURA 28 - JABOTI
Fonte: www.amigosdoverde.com.br.



FIGURA 29 - COLHEITA
Fonte: www.amigosdoverde.com.br

As seguintes informações referentes à proposta pedagógica foram extraídas e/ou fundamentadas nos textos institucionais disponibilizados no site da escola, www.amigosdoverde.com.br, no qual estão sintetizadas as proposições pedagógicas e educacionais da instituição:

Com o plano de estudo adequado às necessidades de cada faixa etária, o aluno desenvolve-se em sua plenitude, através de atividades, como jogos matemáticos, de alfabetização, dramáticos, artes plásticas e recicladas, aulas-passeios e outras que, aliadas às vivências de auto(eco)conhecimento (massagem, dança circular, relaxamento e roda de harmonização), resultam em uma aprendizagem integral e plena.¹⁸

A Escola Amigos do Verde delimita e faz constar em seu Projeto Pedagógico os parâmetros de uma proposta educacional que visa educar e formar seres humanos numa perspectiva de reconhecimento de interdependência, o ser vivo como integrante ativo de um ecossistema e

¹⁸ Informações extraídas do site <http://www.amigosdoverde.com.br> (horário: 14h data: 03/09/2006).

compromissado com o equilíbrio do todo, da planetariedade. Essa ótica compreende a necessidade de transcendência, o sujeito para além das relações fragmentadas e desvinculadas dos demais seres e sistemas.

Na busca pelo desenvolvimento e avanço das práticas escolares, sob essa ótica, a instituição propõe a tecitura de uma rede recursiva, na qual os temas geradores se interligam aos quatro elementos da natureza: Terra, Água, Ar e Fogo e, por conseguinte, constituem-se os projetos a partir da participação dos professores e alunos.



FIGURA 30 - O TRILHAR
Fonte: foto tirada no passeio da escola ao Parcão.

Segundo o Projeto Pedagógico, busca-se a partir dessas proposições o cumprimento de objetivos como: proporcionar uma aprendizagem desafiadora (cognitiva) e prazerosa (afetiva); bem como estimular a autonomia, a criatividade, a responsabilidade e a organização dos alunos; acolher as diferenças, os potenciais e as limitações individuais e de grupo; integrar alunos, equipe e familiares e conscientizar o aluno de que ele faz parte da natureza, através das aulas teóricas e práticas, incluindo de Agroecologia.

São estes alguns dos pressupostos que estruturam e/ou fundamentam o fazer docente da equipe que compõe a instituição escolar Amigos do Verde.

As séries e/ou etapas são divididas em grupos, de acordo com a faixa-etária, possuindo em média de seis (6) a nove (9) crianças para cada educadora graduada em Pedagogia e uma apoiativa, acadêmica cursando Pedagogia. No período da manhã, as turmas são divididas em Grupo A e Grupo B, três (3) a seis (6) anos de idade, tendo como responsáveis as respectivas professoras e uma apoiativa volante.

A escola oferece aos educandos nos planejamentos semanais aulas especializadas de Educação Física, Música, Agroecologia e Biblioteca, com atividades de hora do conto e empréstimos de livros. Essas mesmas proposições são ofertadas na modalidade opcional em horário extracurricular após às dezessete horas e trinta minutos (17h 30min). As atividades opcionais são as seguintes: Aulas de Inglês, Amigos da Bola, Capoeira e Aula de Natação.

Neste relato, sobre o uno que formula a prática escolar da Amigos do Verde, é necessário frisar as atividades denominadas, conforme a filosofia construída e praticada, Harmonizações. As respectivas harmonizações são realizadas no pátio, com todas as turmas, na abertura e no fechamento da semana no espaço que possui a nomenclatura de “Danças Circulares”. As harmonizações são propostas que possuem um caráter de concentração, de religião e de sintonização das espiritualidades, dos objetivos e das intersubjetividades elencadas e/ou explicitadas no grupo.



FIGURA 31 - JORNADA DE AUTO(ECO)CONHECIMENTO 2
Fonte: www.amigosdoverde.com.br

A atividade de harmonização favorece o transcender das barreiras de introversão de cada sujeito inscrito. Fala-se então, nesta atividade, com maior evidência e profundidade, dos sentimentos, dos interesses e das necessidades do grupo, numa dimensão individual e coletiva, pessoal e profissional. Consolida-se uma proposição de busca do equilíbrio no processo da vida. Tal busca permite o surgimento de um salto qualitativo frente à abertura, ao significado e a imersão na relação entre o humano e os processos de ensino e aprendizagem, e no mesmo trilhar da caminhada do aprender a viver.



FIGURA 32 - ALIMENTANDO OS PATOS

Fonte: www.amigosdoverde.com.br

Cada turma e/ou grupo é responsável pela alimentação dos animais num período de quinze dias (coelhos, galinhas, diversos pássaros, porco da índia, jaboti, tartarugas), criando assim uma rotatividade acerca da responsabilidade frente à alimentação dos mesmos. Cada grupo, neste período de quinze dias, torna-se responsável pela pasta de relatos correspondente aos animais, descrevendo e anotando a alimentação que foi administrada.

Portanto, tratando-se de uma escola que se caracteriza por construir dinâmicas e vivências diferentes das demais escolas, cabe aqui uma breve explicitação sobre alguns eventos anuais como: Páscoa; Semana das Mães/Pais e Avós; Semana Ecológica; Olimpíada da Primavera; Acantonamento e Mini-Acantonamento; Festa Junina; Colheita e Feirão; Cursos de Educação Holística para Educadores e Atividade de Recreação (verão e inverno).

4.4.1.1 A Páscoa

A páscoa é comemorada, não em seu caráter religioso, mas como um momento e espaço de reflexão, de cultivo de bons sentimentos, tendo como parâmetros o amor, a amizade e o respeito, para além do cristianismo. Esta comemoração é realizada conjuntamente com as crianças por ser uma representação cultural de uma data religiosa mantida e/ou sustentada pela sociedade. Entende-se, assim, que a escola pode e deve contribuir para a

exploração e a construção de valores acerca da ética, da amorosidade e solidariedade. Sob a presente perspectiva, não são entregues lembranças como chocolates, balas, pirulitos e orelhas de coelhos, entre outros alimentos característicos da comemoração tradicional. Justifica-se a construção e a valorização de sentimentos que contribuem para as relações humanas. Constroem-se junto às crianças símbolos representativos que são levados para as casas e família como forma de socialização do trabalho proposto.

4.4.1.2 Semana das Mães/ Pais e Avós

Na semana das Mães/ Pais e Avós são desenvolvidas atividades, com aproximadamente trinta minutos (30 min) de duração pelos mesmos, a partir de um agendamento prévio conjunto à educadora responsável pelo respectivo grupo. As atividades propostas pelas mães, pais e avós são direcionadas ao grupo, no qual o filho ou neto está inscrito. São realizadas atividades que abordam temas como culinária, artes plásticas, literatura, música, teatro e jogos interligados aos projetos pedagógicos desenvolvidos pelo grupo. Essa proposta é justificada pela busca da interação dos familiares, nas semanas que antecedem as comemorações, favorecendo aos mesmos a vivência de sala de aula com seus filhos e netos, nos horários que suas possibilidades pessoais configuram.

4.4.1.3 Semana Ecológica

Na semana ecológica são realizadas propostas relacionadas à natureza como um todo, incluindo a comunidade escolar. São projetadas atividades de conscientização acerca das temáticas ecológicas. No ano de 2007, todos os grupos da escola Amigos do Verde participaram de uma atividade de conscientização ecológica no Parcão, Bairro Moinhos de Vento, em Porto Alegre, distribuindo sementes para plantação e dialogando com os cidadãos que freqüentam o parque, anteriormente citado, sobre estratégias e cuidados necessários para a qualificação e a construção do equilíbrio entre o ser humano, pertencente ao ecossistema, e dos demais seres e sistemas da natureza.